

MEMÓRIA E USOS DO PASSADO: MONUMENTOS MORTUÁRIOS E FESTIVIDADES EM ROMA

Paulo Yoke Oliveira Arima

A antropóloga Aleida Assmann em sua obra prima *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*, nos traz uma reflexão importante relacionada à função da memória. Para a autora, ao contrário da fama, que reverencia um acontecimento declarado pela sociedade como inesquecível com perspectivas orientadas ao futuro, a memória se orienta ao passado. Cabe ao historiador, portanto, recorrer à memória como um mecanismo de uso do passado. Assim, a memória contribui para elucidar a história de um grupo social, por meio dos espaços de recordação, quase sempre representados por monumentos, edifícios e lugares sagrados, ligados à morte ou à memória dos mortos, evocada pelos vivos.

Assmann propõe o conceito de “memória cultural”, haja vista que a cultura engloba as produções de um determinado grupo social, e comunica a necessidade da recordação. Essas produções podem ser vislumbradas por meio dos monumentos, objetos e símbolos que reiteram a lembrança de indivíduos ou mesmo de grupos sociais e instituições. Portanto, com ênfase neste raciocínio, inteiramos que a memória social está vinculada à memória cultural e no campo desta última, a história e as reminiscências do passado se evidenciam. Assmann (2006, p. 17) afirma também que há uma conexão entre a memória cultural e o outro conceito elucidado: o de memória comunicativa. Há, portanto, um paralelo entre os dois conceitos, pois a memória cultural atravessa diversas épocas e se armazena em textos normativos, enquanto a memória comunicativa, que normalmente liga três gerações consecutivas de indivíduos ou grupos sociais, se baseia em lembranças legadas oralmente pelas tradições

Nesse sentido, compreender a atuação de indivíduos de um passado distante exige do pesquisador um olhar aguçado para os locais (loca) de memória e as fontes produzidas. É sob esta perspectiva que compreendemos a atuação da história como recurso de investigação dos espaços de recordação. A pesquisa historiográfica se insere neste campo vasto dos monumentos e dos lugares de memória e por isso, segundo Guarinello (2016, p. 10), se torna o principal recurso de legitimidade da memória porque é científica. Em nossa perspectiva de análise específica, ou seja, o caso dos monumentos romanos, entendemos que a memória atua em diversas instâncias, uma delas é o caso da recordação pós-morte. Para os romanos, celebrar a morte e criar mecanismos de recordação dos mortos eram atos celebrativos. É nesse aspecto que a memória cultural adquire destaque em nossa análise dos edifícios fúnebres da cidade de Roma, haja vista que a recordação dos indivíduos mortos era uma prática religiosa e política, para que grupos políticos, famílias e colégios sacerdotais atuassem no cenário da urbs. A posição do morto das famílias de elite, perante aquela sociedade repleta de imagens e construções monumentais, elucidada a memória dos mortos. Para autores antigos como Tácito, Suetônio e Estrabão este recurso era fundamental para compreender as sociedades em que viviam, e o seu tempo histórico. Para Renata Garraffoni (2016, p. 113). Os funerais e enterramentos dos cônsules, por exemplo, organizavam o tempo e os eventos anuais, uma vez que a sociedade romana estruturava sua cronologia, a partir dos chamados anos consulares. Assim, diversas festas eram celebradas para comemorar a memória dos mortos. Mencionaremos aqui uma das principais festividades, a Parentalia. Na ocasião, os romanos visitavam os lugares sagrados destinados ao enterramento.

ARIMA, Paulo Yoke Oliveira. Memória e usos do passado: monumentos mortuários e festividades em Roma. Usos do Passado. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



O festival mencionado possuía um caráter público, uma vez que destacava o papel social dos mortos e tornava-se uma forma especial de celebração destinada à produção de memória. Durante a festividade, celebrada entre os dias 13 a 21 de fevereiro do calendário romano, conhecidos como *dis parentali*, os templos eram fechados e as famílias visitavam os túmulos, levando oferendas, flores e outros presentes para os parentes mortos. Esta festividade, como aponta Erks (2011, p. 55) incorporava a lembrança dos familiares, logo, expressava sua identidade mortuária em consonância com a promoção pública da imagem da família e de seu morto, ao interligar celebração e morte, através dos ritos fúnebres e das performances realizadas durante os cultos. Preces, chamadas pelos latinos de *supplicatio* eram dirigidas aos *manes*, entidades espirituais que representavam as almas dos entes queridos, assim como aos *lares*, deuses romanos com os quais uma família se identificava e lhe celebrava culto como forma de receber proteção e bênçãos.

Para saber mais

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

OMENA, Luciane Munhoz de. e Funari, Pedro Paulo A. Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

ARIMA, Paulo Yoke Oliveira. Memória e usos do passado: monumentos mortuários e festividades em Roma. Usos do Passado. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

